

O candidato de FH, em 2001

eleição presidencial

O presidente Fernando Henrique Cardoso não definirá tão rapidamente como pretendem seus aliados nem aguardará tanto tempo como se pensava, para escolher o candidato do governo à sua própria sucessão. A época ideal para essa decisão é, na opinião do presidente, o primeiro semestre do ano que vem. Até lá, não adianta perguntar porque o máximo que se consegue são impressões vagas a respeito do que seria o perfil ideal do eleito para disputar com a oposição.

Mas uma coisa é certa: Fernando Henrique acha da maior importância que a pessoa que vier a defender as cores governistas na próxima eleição presidencial não demore muito a ter rosto, nome, voz e discurso. Até porque uma das condições que na concepção dele fazem um candidato ter chance de sucesso é justamente o fato de a candidatura estar posta em praça pública.

Cita os exemplos de Luís Inácio Lula da Silva e Ciro Gomes, os dois em primeiro e segundo lugares nas pesquisas de opinião porque, segundo o presidente, são conhecidos como candidatos. Fernando Henrique não vê nessa condição dos dois uma posição exatamente privilegiada e muito menos consolidada no que diz respeito a expectativa de desempenho eleitoral.

“As situações da política no Brasil mudam a cada três meses”, constata, lembrando o exemplo dele próprio nas duas eleições presidenciais que disputou.

Ná primeira, em 1994, revela agora que pensou em desistir. “Viviam me dizendo para deixar o Ministério da Fazenda e concorrer. Eu o deixei em abril e, em maio, queria abandonar tudo porque as pesquisas não indicavam melhoria nos índices. Estava com 7% e, no final, ganhei a eleição”, relembra.

Em 1998, de novo houve variações desanimadoras. “Em junho, o Lula encostou em mim nas pesquisas.”

Com isso o presidente quer dizer que candidaturas dependem de circunstâncias e estas variam. Agora, o representante do campo governista terá de estar cercado de alguns pré-requisitos para que, na opinião de FH, possa ter sucesso.

O apoio de todos os partidos que hoje sustentam o governo é fundamental. “Não vejo como não repetir a aliança.” Será bom, mas não determinante, que a economia esteja em fase exuberante. “Não digo que bons índices econômicos elejam um candidato, mas ajudam e muito.”

Quando é instado a raciocinar sobre a baixa popularidade do governo e a relação eleitoral deste dado com o desempenho do candidato oficial, Fernando Henrique não se abala: “Tenho 20% de avaliação positiva, o que é um pouco menos do que Lula tem nas pesquisas. Isso já é uma boa base de partida.”

De qualquer forma, as conversas determinantes sobre essa partida só poderão acontecer, de acordo com o presidente, depois das eleições municipais e da escolha das novas direções na Câmara e do Senado, em fevereiro do ano que vem. “Até lá os partidos vão estar com suas atenções voltadas para esses temas.”

E, portanto, é inútil insistir para que o presidente pelo menos designe quem seriam os integrantes de um cardápio de bons candidatos.

Até porque não se sabe hoje qual será a “onda” da época, outro pressuposto – a condição de surfador competente nas ondas do momento – do candidato bem-sucedido. FH não acredita que seja segurança, não vê no tema um potencial comparável ao que foi a luta contra a inflação, pensa que o emprego talvez venha a servir de mote, mas não tem certeza.

Não vê saída a não ser esperar para ver a direção em que as águas vão correr. E para ilustrar o raciocínio, pela primeira vez em uma hora e meia, cita o nome de alguém que pode vir a ser candidato:

– Se no ano que vem o Mário estiver bem nas pesquisas, não tenham dúvidas de que o PSDB inteiro será covista. E eu serei o quê? Covista, evidentemente.